



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8138 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

Constituição da identidade da criança negra: em pauta a formação continuada

Rita de Cássia Marques dos Santos Fraga - PUC-SP/PPGE FORMAÇÃO DE FORMADORES
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA: EM PAUTA A FORMAÇÃO CONTINUADA

As relações raciais não somente no Brasil, mas no mundo inteiro, normalmente é repleto de animosidades e discriminações. E em cada lugar uma forma diferente de manifestação. Como neste País o racismo é uma prática velada disfarçada em forma de brincadeiras maldosas, torna-se difícil de detectar. Além disso é perceptível que o racismo é um processo que foi se estruturando e se amalgamando na nossa cultura de tal forma que várias ações racistas e discriminatórias são naturalizadas e reproduzidas indiscriminadamente como se fosse algo comum, até necessário. O que é corroborado por Cavalleiro (2003, p. 19):

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros.

Considerando essa problemática e percebendo a incidência de divulgação de atitudes racistas no período da pandemia, trazemos o recorte de uma pesquisa que analisou a contribuição de uma experiência formativa centrada na temática étnico-racial, com o intuito de provocar a reflexão das professoras à respeito da constituição identitária da criança negra na educação infantil de zero a três anos. Destarte, a pesquisa buscou responder, de que maneira a formação continuada pode contribuir para que o (a) professor (a) de Educação Infantil possa lidar com as diferenças raciais no espaço escolar de um Centro de Educação Infantil (CEI) situado na Zona Leste de São Paulo.

A fim de embasar nossa discussão recorreremos a Marcelo Garcia (1999) que disserta sobre a formação, Dubar (2005), que aborda a constituição da identidade; Placco e Souza (2010) que tratam da formação e da constituição identitária do professor; Cavalleiro (2001, 2003) e Bento (2014) explanando sobre a constituição da identidade da criança negra.

A estratégia metodológica utilizada foi a aplicação de um questionário eletrônico (FALEIROS, et al, 2016) com perguntas desencadeadas por uma história fictícia e posteriormente foi realizada a análise de conteúdo, inspirada em Moraes (2003). A partir da análise do material produzido, foi possível identificar o que mudou nas professoras após a

formação continuada sobre essa temática e identificar se, do ponto de vista desses profissionais, houve mudanças significativas nas suas práticas.

Nessa perspectiva, este trabalho busca identificar nas respostas apresentadas pelas professoras, a mudança que elas acreditam ter conquistado a partir da experiência formativa.

Assim, quando questionadas sobre como agiria caso estivesse no lugar da professora que teve que tomar decisões contra uma ação racista referente aos cabelos de uma criança negra no espaço escolar de CEI, obtivemos respostas como: “Nesta situação, assim como a professora, acalmaria a criança, ressaltando a beleza do cabelo dela, pedindo-a para prender o cabelo”. “Faria diferente, diria que o cabelo dela é lindo do jeito que é!”. “Conversaria com ambas e desenvolveria um projeto de identidade para trabalhar com as diferenças e o respeito entre elas. Traria materiais como histórias, vídeos que abordassem as diferentes culturas, principalmente a cultura afrodescendente”. Analisando as respostas, podemos dizer que as duas primeiras apresentam silenciamento, pois não basta consolar a criança ofendida e elogiar o seu cabelo para resolver um problema de racismo, como assevera Cavalleiro (2001, p. 153):

A ausência de iniciativa diante de conflitos raciais entre alunos mantém o quadro de discriminação. Diante desses conflitos, o “silêncio” revela convivência com tais procedimentos. Para a criança discriminada, indica menosprezo pelo seu sofrimento. E, principalmente, explicita que ela não pode contar com nenhum apoio em outras situações semelhantes.

Enquanto a terceira demonstra o entendimento de que a conversa não poderia se encerrar apenas no consolo à criança atingida, mas que o assunto deveria ser trabalhado com toda a turma, para que as crianças entendessem que as pessoas são diferentes, mas que cada uma deve ser respeitada. Ao que Cavalleiro (2001, p. 156) corrobora ao dizer que é preciso cuidar para que a criança “receba atenção, carinho e estímulo para poder elaborar sua identidade racial de modo positivo”

Deve-se salientar que, quando se minimiza ou silencia as questões raciais no âmbito escolar, além de tornar o ambiente permissivo à disseminação dos estereótipos que contribuem para o fortalecimento dos preconceitos e a prática do racismo nesse espaço, contribui para promover a depreciação da auto imagem da criança negra e conseqüentemente encaminha-se uma constituição identitária inferiorizada o que deixa marcas profundas na autoestima da pessoa, reforçando o entendimento da “diferença como desigualdade e os negros como sinônimo de desigual e inferior” (CAVALLEIRO, 2003, p. 20).

Apesar de a maioria das professoras afirmarem que a formação lhes trouxe aprendizado, foi identificado no contexto geral das respostas que apenas a metade delas apresenta real aprendizado com a formação. Todo o trajeto desta pesquisa permitiu perceber que a formação é um desencadeador de discussões e chamados à reflexão sobre questões polêmicas como o racismo, também que para uma formação cumprir com êxito os seus objetivos necessita-se que seja ofertada com amplitude e aprofundamento dos conteúdos e com um formador realmente engajado com a causa.

Além disso, a pesquisa desencadeou desdobramentos. Com o início da Pandemia, que forçou o distanciamento social e a comunicação por meio eletrônico. Entendendo a importância, necessidade e urgência da discussão sobre o racismo que a cada dia é apresentada de forma bastante cruel, foram realizadas ações formativas com a inclusão de atividades nos planejamentos, que valorizam as diferenças raciais, que evidenciam a constituição da identidade da criança negra e a naturalização da inclusão de estudos sobre as questões raciais em detrimento de desenvolvimento de projetos pontuais pautados na semana da consciência negra e no Agosto indígena, já que as diferenças são percebidas todos os dias nos espaços sociais de convivência.

Palavras-chave: Educação Infantil. Identidade Racial. Formação Continuada.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iracy; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014, p. 25-57.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo. Ed. Contexto, 2003.

_____. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). *Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola*. 6ª edição, São Paulo. Selo Negro. 2001, p. 141-160.

DUBAR, C. Para uma teoria sociológica da identidade. In: DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 133-159.

FALEIROS, Fabiana et al. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis vol.25 no.4, e3880014, 2016. Disponível em <http://bit.ly/2M4UpYi> Acesso em 18 nov. 2019.

MARCELO GARCIA, C. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Portugal: Porto, 1999.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PLACCO, V. M. N. S.; SOUZA, V. L. T. Identidade de professores: considerações críticas sobre perspectivas teóricas e suas possibilidades na pesquisa. In: CORDEIRO, A. F. M.; HOBOLD, M. S.; AGUIAR, M. A. L. **Trabalho docente: formação, práticas e pesquisa**. UNIVILLE: Joinville, 2010, p. 79-99.